



CAPITAL, COOPERAÇÃO E SUBDESENVOLVIMENTO

João Mosca¹

1. INTRODUÇÃO

O presente texto, na continuidade do Destaque Rural Nº 274, com o título *Cooperação: Interesses cruzados em países frágeis. O caso de Moçambique*, pretende ressaltar alguns aspectos fundamentais das relações externas entre países, destacando a situação do Mundo, da África Subsaariana e de Moçambique.

Este texto está estruturado em quatro secções. Além da introdução, é realizado um breve enquadramento na segunda secção, onde se expõe alguns aspectos da cooperação, à luz deste Destaque Rural (DR). Na terceira secção desenvolve-se os canais de cooperação principais de natureza económica e social, que são as doações, as migrações, a terra, os fluxos de capital, o investimento directo estrangeiro (IDE), os fluxos da ajuda oficial para o desenvolvimento (AOD) e os fluxos de capital resumido no saldo da balança de pagamentos. Na quarta secção apresenta-se o resumo das constatações.

Neste trabalho foram utilizados dados estatísticos e estudos existentes em organizações nacionais e internacionais, devidamente referenciados ao longo do texto. Por essa razão as séries temporárias são diferentes.

2. ENQUADRAMENTO

Conforme o DR Nº 274, o presente DR procura concretizar de que forma as componentes das relações externas estão interligadas e coordenadas entre si, através de elites políticas e económicas dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, refutando, pelo menos em grande medida, a existência de relações externas apenas envolvendo interesses de países e blocos regionais (hegemonia da África do Sul na SADC, o renascimento dos BRICs, as lutas entre a Alemanha e França no quadro da União Europeia, etc.), tanto sob a forma bilateral, multilateral como intermediação de organizações internacionais e do IDE.

¹ Investigador coordenador no OMR.

As migrações e a terra (compra/venda) são elementos fundamentais nas relações externas, tanto económicas como sociais, que, geralmente, não são abordadas quando se trata de textos sobre as relações externas à escala mundial. Os quadros analíticos são muito economicistas e no âmbito das ciências políticas.

As migrações representam a transferência de mão-de-obra barata (geralmente entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos), isto é, o valor do factor trabalho contribui para a reprodução alargada do capital nas economias desenvolvidas e para as suas competitividades. Acrescenta-se o já tradicional fenómeno da fuga de cérebros que retira, dos países em desenvolvimento, cidadãos de qualificação elevada que poderiam contribuir para um maior domínio do conhecimento, da ciência e de novas tecnologias nestes países, suportes transversais e estruturantes do desenvolvimento económico e social. Por essa razão, as migrações são incluídas neste texto como parte das relações externas.

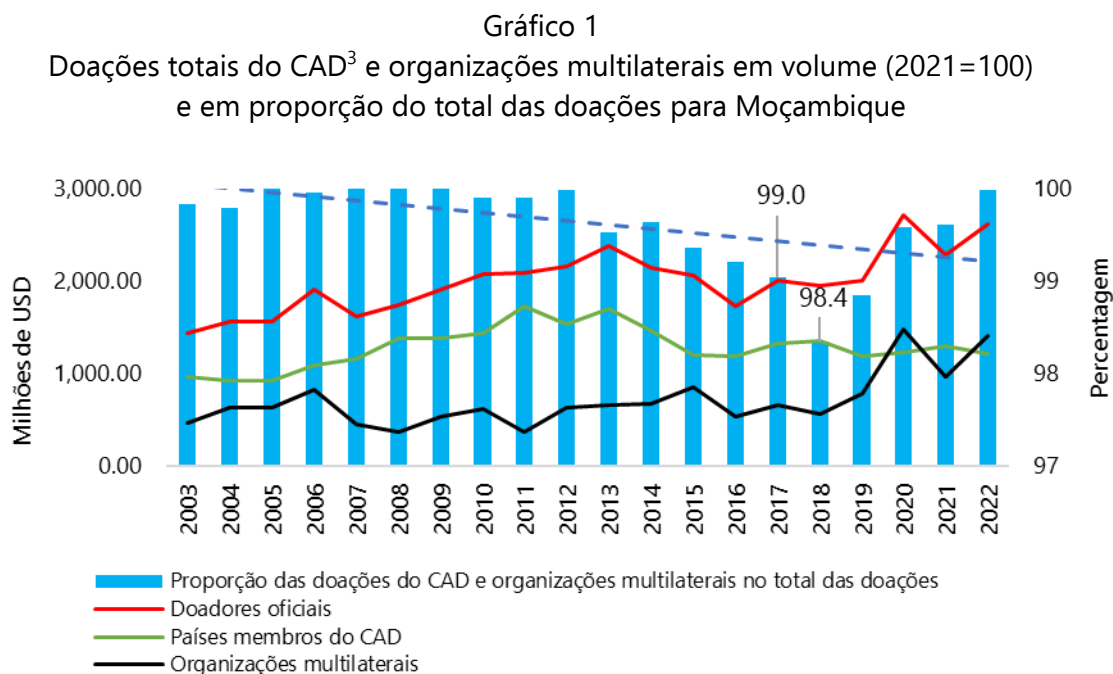
O negócio da terra pode ser interpretado, não só, como um factor de produção para a implantação mineira e para a produção agrária, mas também como uma possível ocupação de territórios que inclui, para além das actividades mencionadas, como o domínio das infra-estruturas dos transportes transnacionais (portos, caminhos de ferro e estradas) para o escoamento dos bens exportáveis, assim como para o desenvolvimento de novos assentamentos urbanos, derivados de migrações do meio rural para os corredores, onde emergem várias actividades de serviços (comércio, transportes de curta distância, etc.), que ligam os corredores às zonas interiores dos territórios.

Neste contexto, ressalta-se ainda a compra de ilhas que se transformam em territórios privados, com administração e defesa própria (territórios soberanos), geralmente para fins de turismo de alto valor.

A produção alimentar, a reserva de territórios por razões ambientais e de preservação de biodiversidades, estimuladas pelo negócio do carbono, e os recursos minerais energéticos fósseis, compõem a reconfiguração internacional do trabalho do lado das economias subdesenvolvidas. Do outro lado, em resposta à divisão do trabalho a longo prazo, as economias desenvolvidas especializam-se em novas tecnologias, como na genética, espaço, inteligência artificial, transição energética, indústria militar, entre outras.

3. CANAIS DE COOPERAÇÃO E MOÇAMBIQUE

Doações²



Nota: os valores estão a preços de 2021; a escala a direita representa a proporção das doações do CAD e organizações multilaterais no total das doações.

Fonte: <https://www.oecd.org/countries/>.

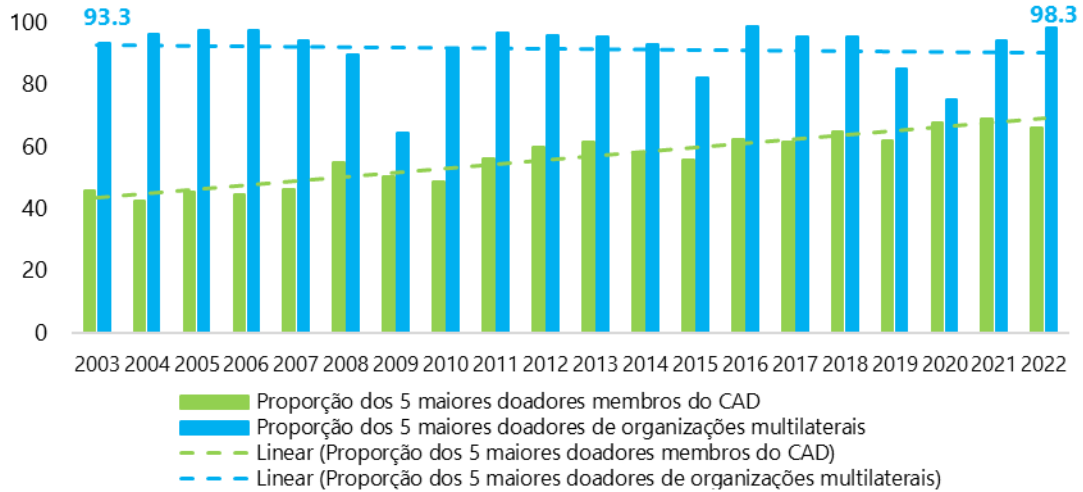
O gráfico 1 revela que os países do CAD e as organizações multilaterais concentraram, entre 2003 e 2022, a quase totalidade das doações totais dos volumes doados por organizações e países. Observa-se que o total das doações decresceram substancialmente entre 2007 e 2011 e entre 2016 e 2020. À excepção desse período, os valores eram de cerca de 3 mil milhões de dólares americanos.

²² Em doações estão incluídos principalmente os donativos em dinheiro, espécie e serviços entre países (bilateral), multilateral (vários países) grupos de países com base em regiões (União Europeia, União Africana, SADC, CAD), organizações internacionais.

³ Comité de Ajuda ao Desenvolvimento (CAD), Development Assistance Committee (DAC) em inglês, é composto por 24 países: Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, União Europeia, Finlândia, France, Alemanha, Grécia, Irlanda, Itália, Japão, Coréia do Sul, Luxemburgo, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Portugal, Espanha, Suécia, Suíça, Inglaterra, e Estados Unidos.

Gráfico 2

Proporção dos cinco principais doadores membros do CAD e das organizações multilaterais no total das doações destas instituições para Moçambique



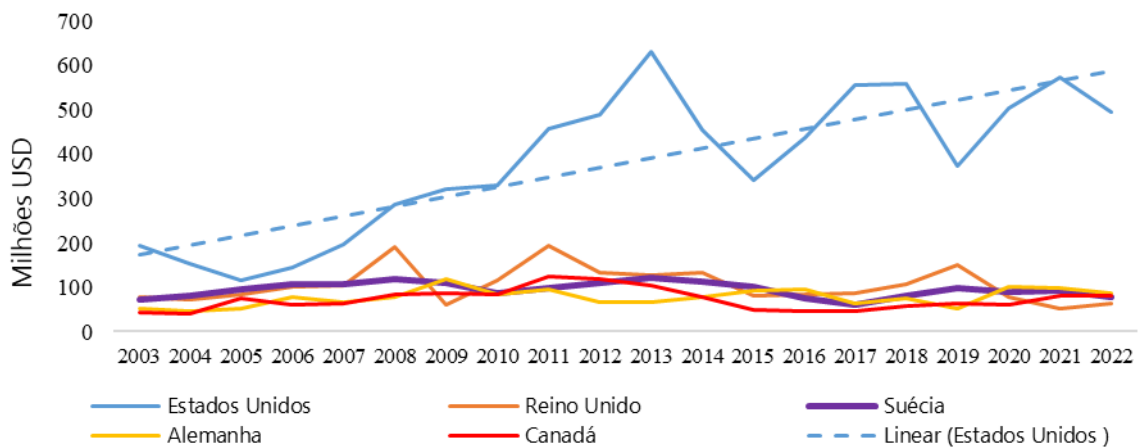
Nota: cinco principais doadores de Moçambique (por sequência alfabética): Alemanha, Canadá, EUA, Reino Unido e Suécia.

Fonte: <https://www.oecd.org/countries/>.

O gráfico 2 revela uma forte concentração dos países doadores de ambos os grupos de organizações apresentadas (CAD e organizações multilaterais), sobretudo no segundo grupo, onde os cinco países representam quase a totalidade dos donativos a Moçambique. Entre 2003 e 2022, observa-se um aumento da concentração da ajuda nos cinco países no grupo dos CAD.

Gráfico 3

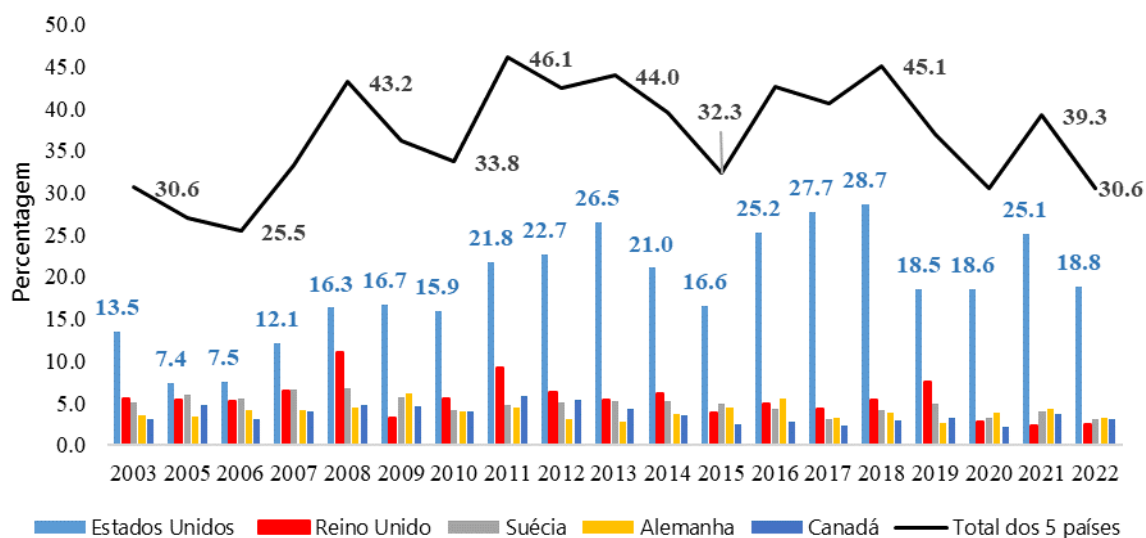
Volume das doações dos cinco principais doadores membros do CAD para Moçambique (em milhões de USD)



Fonte: <https://www.oecd.org/countries/>.

O gráfico três revela os cinco principais países doadores de Moçambique. Os EUA apresentam um rápido crescimento, embora se verifique bastante variações ao longo do tempo.

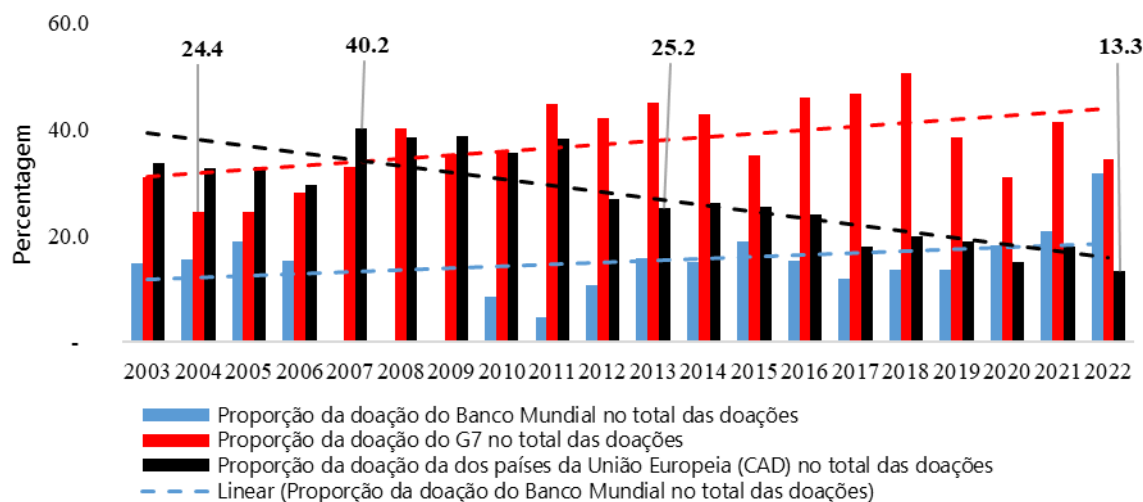
Gráfico 4
 Proporção das doações dos cinco principais países membros do CAD sobre o total de donativos recebidos por Moçambique



Fonte: <https://www.oecd.org/countries/>.

O somatório das contribuições dos EUA, o maior doador individual, variou, na primeira década do presente século, entre cerca de 7,4% e 15,9% do total do valor doado por doadores individuais. Na maioria dos anos da segunda década, os EUA mantiveram-se como o principal doador, com uma média de 23%, variando ente 16,6%, em 2015, e 28,7%, em 2018.

Gráfico 5
 Proporção das doações do Banco Mundial, G7⁴ e União Europeia no total dos donativos para Moçambique



Fonte: <https://www.oecd.org/countries/>.

No gráfico 5 constata-se que a partir de 2011 os países do G7 tiveram sempre a mais elevada contribuição anual e com tendência crescente entre 2003 e 2022, com picos na primeira metade da segunda década. O G7, no período da crise da dívida (excepto em 2015), aumentou a sua quota de participação nas doações. Os países da União Europeia e também membros do CAD têm tido uma participação percentual decrescente acentuada. O Banco Mundial tem tido uma participação percentual variável no tempo, com aumento depois de 2016.

Migrações⁵

“Recentemente, em 2015, estima-se que 3,3% da população mundial tenha migrado (migração internacional), por razões de ordem política (conflitos e violência), económica, demográfica e mudanças climáticas. As principais regiões de residência dos migrantes, em 2015, foram a Europa e Ásia, representando, cada continente, cerca de 31% do total dos migrantes. A seguir, encontra-se a América do Norte (22%), África (9%), América Latina e Caraíbas (4%) e Oceânia (3%), como residência dos migrantes (Organização Mundial para as Migrações, 2018)⁶”.

⁴ O G7 é composto pelos seguintes países: Alemanha, Canadá, Estados Unidos França, Itália, Japão e Reino Unido.

⁵ Os dados colocados nesta secção não são muito actualizados. Porém por tratar-se de fenómenos globais e de longa duração, pelo que dados mais recentes não alterariam a natureza e a intensidade do fenómeno, existindo, porém, situações de curta duração. A curto prazo, os fenómenos poderão alterar de intensidade variando em sentido para mais ou menos.

⁶ Ayuba, Rabia e Yara Nova (2018). *Indicadores de Moçambique, da África Subsaariana e do Mundo*. Observador Rural N° 69. OMR. Maputo.

Na, África Subsaariana, os países com maior taxa de fuga de cérebros foram: Guiné-Bissau, Serra Leoa, República do Congo, Zâmbia e Zimbábue, registando fuga de mais de 20% da população qualificada. A Zâmbia, em 2008, apresentava uma taxa de fuga de cérebros de 17%. A taxa de fuga cérebros em Moçambique foi de entre 10% e 20% da população graduada⁷. Segundo Joanguete (2010), em 2008, o número foi de 45,1% da população qualificada⁸.

Figura 1
Migrações internacionais



Fonte. <https://aprovatotal.com.br/fluxos-migratorios/>. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

No mapa acima, os movimentos migratórios são representados por setas, indicando as principais áreas e países de saída e de destino. O processo de migração internacional pode ser desencadeado por diversos factores, entre os quais se pode referir: desastres ambientais; guerras; perseguições políticas, étnicas ou culturais; oportunidades de estudo e trabalho; melhores condições de vida.

A partir da observação do mapa e do texto acima, é possível observar as seguintes características que fundamentam os fluxos : (1) o contraste de desenvolvimento económico e social entre países emissores e receptores dos fluxos, é acentuado; (2) os fluxos migratórios regionais são mais frequentes que os intercontinentais; (3) os fluxos sul-norte são predominantes e estão relacionados com a dependência cultural, económica e histórica dos países chamados subdesenvolvidos em relação aos países ditos desenvolvidos; (4) a Europa Ocidental é o principal destino dos movimentos migratórios mundiais, possivelmente devido ao crescimento negativo da população europeia e necessidade de mão-de-obra, sobretudo nos países do Centro e Norte da Europa, seguido pelos fluxos para os EUA; (5) importância das emigrações africanas

⁷ Joanguete, C. (2010). *Formação e Retenção dos Investigadores Africanos*. Sankofa, 3 (5), 115-124.

⁸ Em Ayuba, Rabia e Nova, Yara (2018). *Ibidem*.

para o Golfo Pérsico, geralmente atraídos por trabalho barato para a construção civil; (6) a emigração chinesa para a América do Norte; (7) as emigrações do Centro de Norte do continente sul-americanos para os EUA.

Grande parte dos fluxos migratórios são históricos, embora se assista à sua intensificação como consequência do aumento das desigualdades entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, demanda de mão-de-obra (decrésimo da população em muitos países europeus) e escassez de mão-de-obra não qualificada e fluxos recentes, como, por exemplo a emigração chinesa e imigração no Golfo Pérsico.

Não obstante as restrições à imigração por diferentes razões por parte da maioria dos países desenvolvidos, as migrações têm-se intensificado.

Terra

A aquisição de terras adquiriu proporções gigantescas. Esta realidade pode ser analisada no quadro das reconfigurações da divisão internacional do trabalho, onde os actuais países subdesenvolvidos se desenvolverão subdesenvolvendo-se⁹, produzindo alimentos para o mundo, transformando-se em reservas ecológicas e de preservação ambiental, aproveitando, a curto prazo, com o negócio do carbono e projectos de desenvolvimento localizado como suporte da transição energética. Por outro lado, desenvolver-se-ão tecnologias e sectores assentes no conhecimento e em tecnologias de última geração, já referidas na secção 2 deste texto.

Assim se pode entender que os países que mais comprem terra sejam os EUA, a China, Índia, países árabes, Brasil e países da Oceânia. Em relação aos EUA, podem-se colocar questões geoestratégicas e alimentares no quadro da crescente especialização económica e domínio de espaços e rotas marítimas e da preservação de civilizações¹⁰. A China e a Índia estarão motivadas para a produção/abastecimento de alimentos e correspondente domínio das rotas terrestres entre a costa índica e as zonas produtoras, incluindo, nesta lógica, a protecção militar. O Brasil constitui a maior potência do agro-negócio internacional, querendo expandir-se a sua produção de *commodities* alimentares e de matérias-primas para a agro-indústria de determinados países importadores de alimentos¹¹, para além das suas estratégias de expansão nos países do sul da América do Sul (principalmente Uruguai e Paraguai).

⁹ Teoria do desenvolvimento desigual de Arghiri Emmanuel.

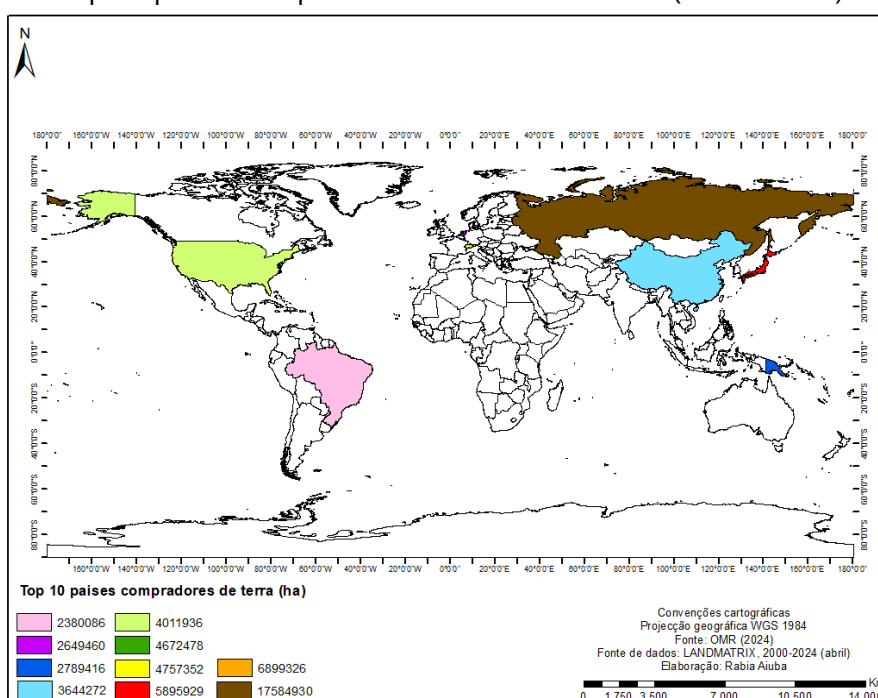
¹⁰ O autor não é defensor dos choques/guerras de civilizações. Porém, é um elemento não desprezível no quadro das análises políticas e geoestratégicas das relações externas.

¹¹ O caso do ProSAVANA em Moçambique foi uma tentativa de produção de *commodities* para o abastecimento, sobretudo da agro-indústria japonesa. O ProSAVANA foi um projecto triangular de desenvolvimento em Moçambique, onde o Japão contribuía sobretudo com capital, os brasileiros com tecnologia, empresários e técnicos, e Moçambique contribuiria com terra a custo quase zero, mão-de-obra barata e contractos de exploração com altos benefícios fiscais. Veja, por exemplo, Mosca, João (2015). *ProSavana: Discursos, Práticas e Realidades*. Observador Rural N° 31. OMR. Maputo.

“Os 10 países que mais compram terra no mundo representam cerca de 65% do total da terra adquirida no período em análise (2000-2017). Por continente, as proporções são as seguintes: Américas (Brasil) 25%, Ásia (sobretudo China e Índia) 23%, Europa (8%) e Oceânia (6%)¹²”.

“Os dez países alvo de compra de terra no mundo, correspondem a cerca de 63% do total da terra adquirida, distribuídos em todos continentes, destacando-se: ASS (33%); continente europeu; países do Norte (10%); Brasil (6%); Papua Nova Guiné (8%); e, no continente asiático, a Indonésia (6%)¹³”.

Figura 2
Top 10 países compradores de terra no mundo (2000 - 2024)



Nota: Informação referente aos contractos transnacionais, firmados de forma oral e escrita.

Fonte: Landmatrix, 2024.

(...) Dos cerca de 83,2 milhões de hectares de terras que foram objecto de transacções nos países em desenvolvimento, entre 2004 e 2012, destaca-se 56,2 milhões (67, 5%) de hectares foram adquiridos em África, 17,7 milhões (21,3%) de hectares na Ásia e 7 milhões (8,4%) de hectares na América Latina”. Entre os países alvo de compra de terra, encontram-se os países africanos (Congo, Sudão e Moçambique), o Brasil, a Rússia e os

“A área de estudo considerada para a formulação do Plano Director do ProSAVANA abrange 19 distritos localizados ao longo do Corredor de Nacala, nas províncias de Nampula, Niassa e Zambézia”, MINAG (2015).

¹²Em Aiuba, Rábia e Nova, Yara (2018). Indicadores de Moçambique, da África Subsariana e do Mundo. Observador Rural Nº 69. OMR. Maputo.

¹³ Em Aiuba, Rábia e Nova, Yara (2018). Ibidem.

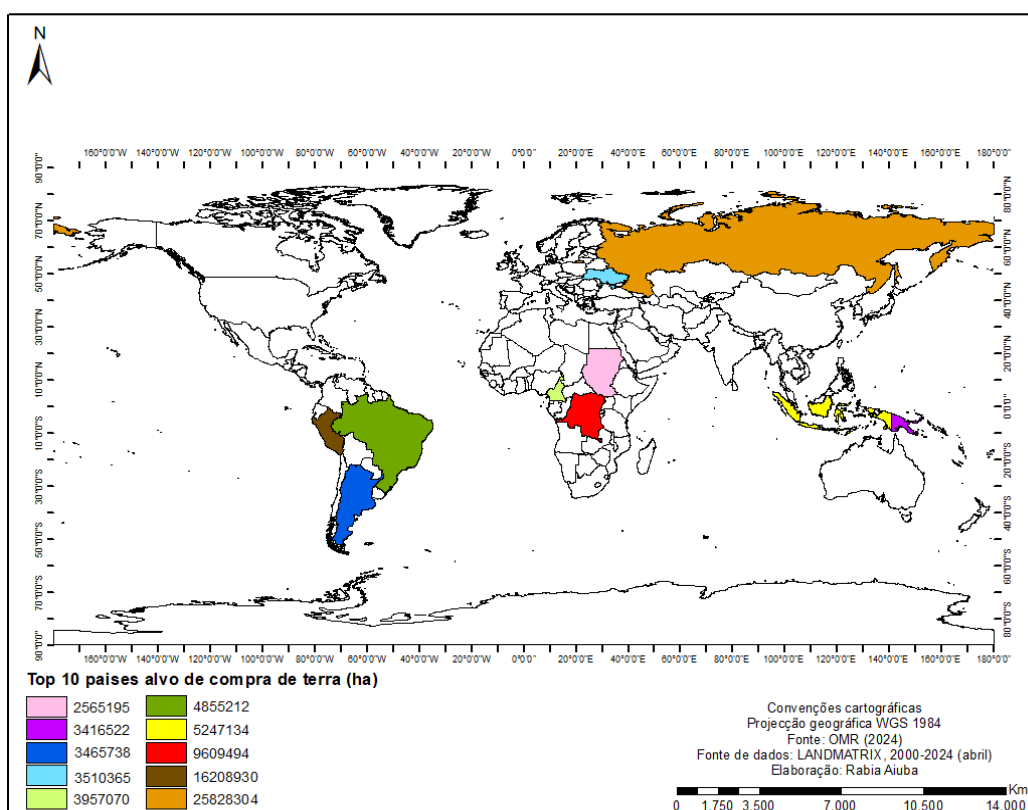
pequenos países da Oceânia. O Brasil é o único país que é simultaneamente comprador e vendedor de terra¹⁴.

“O continente africano foi o principal alvo de compra de terra (cerca de 51% d total de hectares), para a produção, principalmente, de commodities não alimentares. O segundo continente alvo de compra de terra foi o americano (18%), com destaque para os países da América Latina. Os restantes três continentes corresponderam a 32% de toda a compra de terra no mundo.

(...)

Em África, a África do Sul, a Mauritânia e o Egipto são os países que mais compram terras, com respectivamente 38%, 25% e 14%, totalizando 77% das compras efectuadas por países africanos. As compras da África do Sul poderão estar associadas à instabilidade política em relação aos agricultores brancos, e as dos outros dois países poderão estar relacionados com a escassez de terras aráveis nestes países. (...)”.

Figura 3
Top 10 países alvo de compra de terra no mundo



Nota: Informação referente aos contractos transnacionais, firmados de forma oral e escrita.

Fonte: Landmatrix 2024.

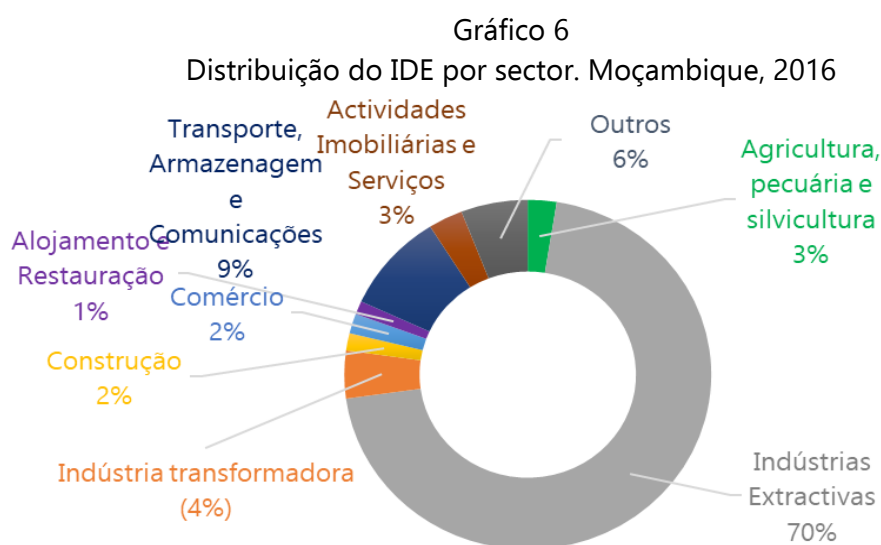
¹⁴ Fonte: Landmatrix (s/d). Em Aiuba, Rabia e Nova, Yara (2018). Ibidem.

“Moçambique encontra-se na lista como o 4º maior comprador de terra (6% da área comprada), sendo a aquisição correspondente ao projecto do grupo Maeva para a produção do óleo de palma, na Costa de Marfim¹⁵”. Em Moçambique,¹⁶ a questão da terra tem provocado múltiplas conflitualidades geradas por ocupações ilegais de grande dimensão¹⁷. Muitos casos envolveram tribunais de diferentes estâncias.

Existem ilhas concessionadas a diferentes personalidades, sobretudo na costa a sul da província de Maputo e na zona norte de Cabo Delgado, para fins turísticos.

Investimento Directo Estrangeiro

O IDE em Moçambique por sector está representado no gráfico 6.



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico - OECD (2018).

Pode-se observar a grande concentração do IDE na indústria extractiva (70%), seguindo-se o sector de transportes, armazenagem e comunicações (9%).

O quadro 1 apresenta uma visão mais global do IDE no período 2004-2020, indicando os países de origem do capital e os sectores e empresa em que se realiza esse IDE.

¹⁵ Em Aiuba, Rabia e Nova, Yara (2018). Ibidem

¹⁶ Em Moçambique a terra é propriedade do Estado.

¹⁷ São exemplos, os casos da Portucel, com a atribuição de 356 mil hectares nas províncias da Zambézia e Manica, para plantação de eucaliptos e sua transformação. Outro caso é o da cedência do Direito de Uso e Aproveitamento da Terra (DUAT) de sete mil hectares no cabo de Afungi atribuídos à Comercial Afungi LNG Land, Limitada (RBLL) para a implantação de uma fábrica de liquefação de gás natural (LNG), base logística, etc. Em ambos os casos, houve ilegalidades de procedimentos. Siteo, Almeida e Lisboa Nogueira, Sá (2020). *Avaliação dos impactos dos investimentos nas plantações florestais da Portucel-Moçambique na província da Zambézia*. Observador Rural Nº 88. OMR Maputo.

Para o caso de Afungi <https://verdade.co.mz/governo>, de 24 de Julho de 2015.

Quadro 1
IDE em Moçambique. Principais países, respectivas áreas e valores
(2004-2020)¹⁸

País de origem do investimento	Principal sector de destino do investimento	Empresa	Montante investido (2004-2020) milhões de USD
Emiratos Árabes Unidos	Sector de energia, logística e sector imobiliário, projectos de Gás Natural Liquefeito (GNL)	DP World no Porto de Maputo	9.155,2
Ilhas Maurícias	Indústria transformadora (açucareiras)	Açucareiras do Vale do Zambeze	5.424,8
EUA	Indústria extractiva (hidrocarbonetos)	Anadarko	5.241,7
Africa do Sul	Indústria extractiva (gás), indústria transformadora (alumínio), pequenas e médias empresas ligadas ao turismo e agro-indústria e agro-alimentares, transportes e comunicações, sector financeiro	Sasol, Mozal, Corredor de Maputo, Shoprite, Standard Bank	4.969,0
Itália	Indústria extractiva (hidrocarbonetos)	ENI	4.042,3
Brasil	Indústria extractiva (mineração-carvão), transportes (linha ferroviária)	Vale Moçambique	3.661,7
Países Baixos	Sector de transportes (gestão portuária de cargas), indústria transformadora (bebidas), indústria extractiva (gás)	Cornelder Heineken, Shell	3.529,8
Austrália	Indústria transformadora (alumínio), Indústria extractiva (hidrocarbonetos e mineração)	Mozal, BHP Billiton, Riversdale Moçambique Lda	1.667,9
Índia	Indústria extractiva (carvão em Tete, petróleo e gás, Área 1 bacia do Rovuma) em Tete e linha de Sena	ONGC Videsh Limited, Jindal Mining Sa, Rites e Ircon (RICON)	1.232,3
Portugal	Sector financeiro, agricultura agro-indústria e serviços	sobretudo o Millennium Banco Internacional de Moçambique e o Banco Comercial e de Investimentos Portucel	959,8

Fonte: várias fontes (websites, documentos científicos, jornais e notícias) e elaboração da responsabilidade dos autores¹⁹.

¹⁸ No quadro não são referidas todas as empresas.

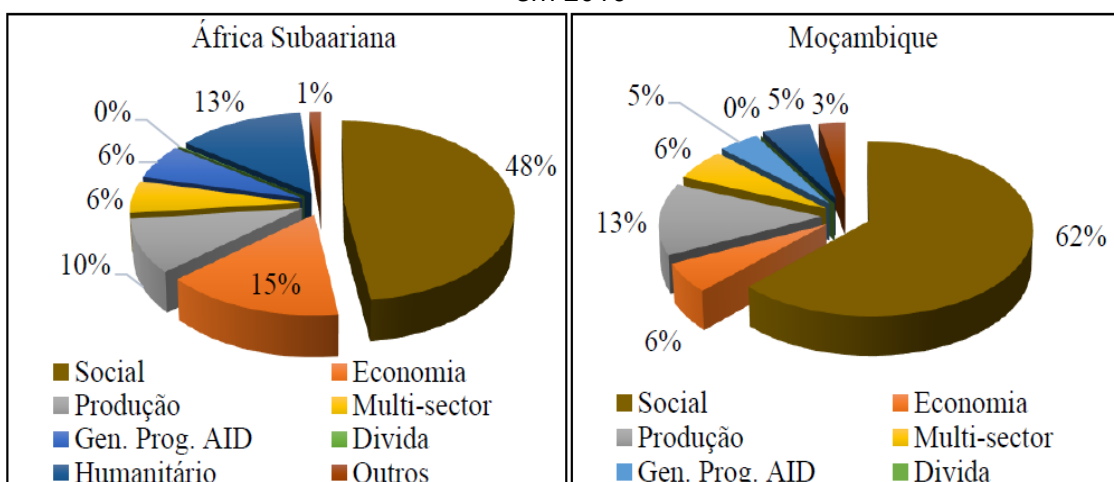
¹⁹ Mosca, Joao e Nova Yara (2023). A contra transformação agrária de Moçambique. OMR. Maputo. <https://omrmz.org/livros/a-contra-transformacao-agraria-em-mocambique/>.

Os principais países de origem do capital do IDE em Moçambique, são os seguintes: Emiratos Árabes, Ilhas Maurícias, EUA, África do Sul e Itália. Há países que investem em sectores específicos, como no gás (Itália, Índia, EUA, e África do Sul), na agricultura (Ilhas Maurícias e África do Sul), nas minas (Brasil, Índia, África do Sul e Austrália), em médias empresas ligadas ao turismo, agro-indústria e agro-alimentares, transportes e comunicações (África do Sul e Portugal) e no sector financeiro (Portugal e África do Sul).

É possível inferir sobre os interesses estratégicos a nível global, principalmente relacionados com os recursos naturais, sistema bancário e os regionais por determinados países associados às relações anteriores de longa duração, como são os casos dos transportes no Sul do país, da agricultura e da indústria de transformação e agro-alimentar.

Ajuda Oficial para o Desenvolvimento

Gráfico 7
Aplicação da Ajuda Oficial para o Desenvolvimento por sector (Moçambique e ASS) em 2016



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico - OECD (2018).

“Verifica-se que, tanto na ASS, como em Moçambique, a Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD), teve como principal sector de destino o social (62% em Moçambique e 48% na ASS). O segundo principal sector de destino da ajuda ao desenvolvimento na ASS é o de produção (13%). Em seguida, verificam-se as ajudas multissetoriais (6%), à economia (6%), de apoio geral (5%) e humanitária (5%). Os sectores relacionados com a produção, a economia e multi-sectorial em Moçambique, representaram 13%, 6% e 6%, respectivamente, do total da ajuda ao desenvolvimento no ano em análise; a ajuda humanitária e geral corresponderam a 5% cada²⁰”.

²⁰ Aiuba e Nova (2018). Ibidem.

Observa-se, em Moçambique, uma ajuda muito concentrada nos sectores sociais (sobretudo, educação e saúde e aspectos específicos relacionados) e produção, principalmente em pequenos projectos de apoio à produção agrária, sobretudo construção de pequenas infra-estruturas, fornecimento de insumos e de equipamentos, e assistência técnica.

Fluxos externos de capital

África, o continente mais pobre do mundo perdeu 203 mil milhões de dólares devido a factores como a evasão fiscal, o pagamento da dívida e a extracção de recursos. Apesar dos empréstimos, remessas e ajuda recebidos, no valor de 161,6 mil milhões de dólares, o défice financeiro líquido anual ultrapassou 40 mil milhões de dólares²¹.

A figura 4 representa de forma simples os fluxos de e para África, reflectindo o afirmado no parágrafo anterior.

Figura 4
Fluxos de capital e para África

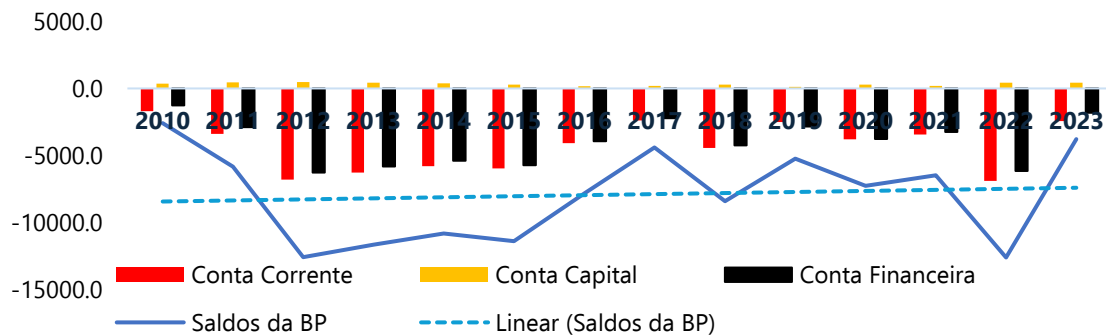


Fonte: <https://development-finance.org>

Os fluxos externos de Moçambique, representados no gráfico 8, incluem todas as componentes da balança de pagamentos (contas corrente, de capital e financeira). O gráfico 8 apresenta somente os saldos de cada uma das referidas contas.

²¹ <https://development-finance.org/pt/-2017>.

Gráfico 8
Fluxos externos entre 2010 e 2023 (em milhões USD)



Nota: o Banco de Moçambique define como conta financeira: inclui as operações de investimento directo no exterior e em Moçambique, o investimento de carteira e outro investimento, subdividido em activos (créditos comerciais, empréstimos, moeda e depósitos, e outros activos) e passivos (créditos comerciais, empréstimos, moeda e depósitos, e outros passivos). É divulgada informação para os vários sectores institucionais, nomeadamente, as autoridades monetárias, administração central (inclui a Administração Local, Regional e Segurança Social), bancos comerciais e outros sectores (empresas não privadas, particulares).

Na realidade, no caso de Moçambique, a conta de capitais é apontada pelo Banco de Moçambique com um valor negativo na base de dados, mas no relatório dos anos respectivos surge como positivo. O autor optou pelo sinal que aparece na base de dados (o que é discutível).

Fonte: Banco de Moçambique.

Pode-se observar que em Moçambique as contas corrente e financeira são negativas e a conta capital é positiva, com valores baixos. Isto é Moçambique é deficitário no total da balança de pagamentos.

Destes dados, é importante ressaltar: a entrada de capital por via do IDE resume-se à entrada de capital somente para pagar os custos internos, para além da baixa ou inexistente capacidade de controlo das contas das empresas estrangeiras (sobretudo das multinacionais), e os grandes benefícios fiscais contribuem para baixa entrada na conta financeira; o persistente défice da balança comercial; os elevados custos da dívida externa. Em resumo, Moçambique é um país deficitário nas suas relações externas.

Pelo menos 50 mil milhões de dólares saem de África todos os anos em fluxos ilícitos de capitais, mais do dobro do que o continente recebe em ajuda para o desenvolvimento, revela um relatório da OCDE²². “Moçambique foi colocado na lista cinzenta do Grupo de Acção Financeira Internacional (GAFI), em Outubro de 2022, devido a deficiências estratégicas que o país apresenta no combate ao branqueamento de capitais, financiamento ao terrorismo e à proliferação de armas de destruição em massa”²³. Vários são os factores que contribuem para a fuga de capitais (saída ilícita), como, por exemplo: corrupção; raptos de empresários; diversas formas de obtenção de recursos e de financiamento da guerra em Cabo Delgado; instabilidade política e riscos económicos²⁴.

4. RESUMO

Moçambique é grande um receptor de capitais sob diversas formas (IDE, doações, cooperação, organizações humanitárias e outras de diversas naturezas). Porém, os recursos externos não se têm traduzido em alívio dos principais problemas da economia e da sociedade, como são a pobreza (número crescente de pobres), maiores desigualdades sociais e territoriais, conflitualidades sociais e laborais, redução da produção dos principais bens alimentares por habitante, desindustrialização, maior dependência externa e capacidade do empresariado nacional que actua num ambiente de ambiente de negócios com grandes dificuldades. A vulnerabilidade do país aumenta no que respeita à capacidade de evitar os elementos de conflito, a guerra, choques ambientais, situações humanitárias e manutenção de infra-estruturas (estradas e pontes, património urbano, sistemas de regadio, entre outras).

Moçambique tem-se mantido no grupo de países dependentes que, em determinadas circunstâncias, torna-se um país fortemente dependente²⁵.

As relações externas de Moçambique confirmam os seguintes aspectos no âmbito do quadro analítico das relações externas considerado neste texto: (1) interesses estratégicos em recursos naturais por grandes potências mundiais e controlo das vias

²² Fonte: Diário de Notícias de 20 de Fevereiro de 2018. World Compliance Association

²³ Nhamirre, Borges e Fael, Baltazar (2023). Análise crítica dos progressos de Moçambique para sair da lista Cinzenta. Série Corrupção. Centro de Integridade Pública. Maputo.

²⁴ Pode incluir tráfico de droga, resgates de raptos, saída ilegal de recursos naturais (madeira, marfim, ouro, pedras preciosas, etc.), sub e sobre facturação nas transacções de comércio externo, entre outras modalidades.

²⁵ “Moçambique é um país estruturalmente e a longo prazo dependente, contribuindo mais para esta classificação, as relações económicas externas (investimento directo e outros influxos de capital, balança comercial e financiamento directo ao OGE ou a projectos específicos). No entanto, devido aos choques climáticos, crises económicas externas e internas, situações de conflito, etc., pode-se considerar que Moçambique é um país em risco permanente, de, conjunturalmente, ser muito dependente”. Mosca, João, Nova, Yara e Aiuba, Rabia (2024), *Bases para a elaboração de um Índice de Dependência Externa. Exemplo de Moçambique*. Observador Rural N° 142. OMR. Maputo.

de comunicação internacionais (portos, caminhos de ferro e estradas transnacionais) relacionadas com os recursos naturais; (2) cruzamentos de interesses conflituosos e/ou concorrenciais entre países e respectivas multinacionais no domínio da exploração de recursos naturais (carvão, gás e pedras preciosas); (3) recuperação de relações históricas regionais (e naturais), como são os corredores de Maputo, Beira e Nacala), na agricultura e na indústria transformadora; (4) aprofundamento do modelo de crescimento extractivistas e, portanto, que afunila a economia e pouco desenvolve uma economia diversificada; (5) continuidade de relações externas características de uma economia subdesenvolvida assente numa estrutura económica assente na produção de bens primários.

Moçambique é um país que se enquadra nas reconfigurações da divisão internacional do trabalho, pois possui reservas abundantes de minerais estratégicos, é um território que se integra no mercado da terra, é dos países mais expostos aos choques climáticos e, portanto, onde são necessárias medidas de longo prazo para facilitar a transição energética, primeiramente nos países desenvolvidos. Finalmente, Moçambique localiza-se na costa do Oceano Índico e Canal de Moçambique para onde se perspectiva a confluência conflituosa de rotas comerciais e de tráficos e onde abundam recursos naturais.

Embora não tivesse sido desenvolvido neste texto, as elites políticas e económicas suportam estas relações externas, envolvendo-se, de diferentes formas nos negócios do IDE e possuem um permanente discurso de solicitação da ajuda externa em diversos contextos e para múltiplos objectivos.